

Um Crime em Tons de Conflito

Um Crime em Tons de Conflito

Diana Pinto

Título: Um Crime em Tons de Conflito

Autoria: Diana Pinto

Design: Paula Domingues

Revisão: Diana Pinto

Edição: Editora Seshat

Depósito Legal nº 555531/25

1ª edição, Dezembro, 2025, por Editora Seshat

© 2025 Editora Seshat e Diana Pinto

Todos os direitos relativos à comercialização, distribuição e promoção desta obra encontram-se reservados à Editora Seshat.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou de qualquer forma sem uma autorização do seu proprietário legal.

Editora Seshat

Editoraseshat.pt

[Instagram.com/editoraseshat](https://www.instagram.com/editoraseshat)

Editoraseshat.2025@gmail.com

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais e à minha avó materna por me incentivarem a continuar nesta área da escrita. Não é um mar de rosas.

Depois, gostaria de agradecer ao meu bairro, que, de uma forma indireta, me deu inspiração para escrever este enredo. Eu tenho uma piscina no fim da rua do meu bairro e ela foi um dos palcos na trama existente nesta obra.

Em seguida, gostaria de deixar aqui alguns nomes que me ajudaram a continuar esta obra: Afonso, Vasco F. e Sílvia Andrade, que fizeram com que eu continuasse por aqui no meio literário, Rui Martins e Ricardo Fernandes, que me ajudaram a manter-me focada em terminar este enredo que, durante algum tempo, ficou parado na metade, e Estela Soares, que sempre mandava um “olá”.

Também agradeço às leitoras brasileiras: Fernanda Carolina, Catharina Bianchi, Daniele Ferreira e Letícia Alvares, por fazerem questão de se manterem atentas a novos projetos meus.

Queria dar um abraço a todos os escritores participantes da Revista Rabisca, alguns ficaram felizes por este terceiro livro e estão a torcer para que tenha vendas satisfatórias.

E por último, mas não menos importante, aos leitores. A todos eles. Conhecidos ou desconhecidos que estão aí, desse lado, a apoiar o autor e a ler cada página que ele escreve, mesmo que o próprio ache que escreve pessimamente. Mais do que escrevermos para nós próprios, escrevemos para alguém.

Prefácio

Caro leitor, senti necessidade de escrever este prefácio para esta terceira obra. Se chega aqui após ler os dois primeiros livros publicados, devo dizer que este terceiro é totalmente diferente. Sim, ainda tem policial, ainda tem investigação, mas é muito mais adulto. Agora centra-se tudo numa piscina, local onde a vítima se encontra já desfalecida, e não há uma carnificina, como ocorreu nos livros anteriores.

O primeiro capítulo desta obra começou a ser escrito em Fevereiro de 2014 e eu lembro-me que, na época, não estava crescida o suficiente para poder continuar da forma que eu queria. Só o finalizei em 2022. Sofreu alterações ao longo do tempo até que eu acabasse por aceitar que este seria o enredo que levaria a ser o terceiro livro.

Esta trama significa muito para mim. Eu amadureci muito e contém conteúdo de antes e de após eu ter evoluído.

É provável que, após a leitura deste livro, tenha perguntas que jamais serão respondidas. Eu não as responderei, e não é porque eu não queira, mas sim porque eu não serei capaz de respondê-las.

Um Crime em Tons de Conflito foi uma obra criada para desvalorizar o final feliz. É uma ficção, é certo, mas o que aconteceria se o livro fosse real? Foi com essa pergunta que me levei a prosseguir com o enredo. O mundo, no dia a dia, não é correto e, por esse motivo, eu quis passar algo verídico. Surgem coisas injustas, no nosso ponto de vista, claro, e eu quis que a obra passasse isso.

Quase todas estas personagens cometeram algum tipo de crime, mas não foram todas presas. Nem todas pagaram pelos erros que fizeram, mesmo que não fossem crimes que levariam à polícia. E, na vida real, nem todos são impunes pelos crimes, ou erros que cometeram. E foi com esse molde que decidi escrever esta história.

Tentei que todos tivessem um final justo do ponto de vista do próprio personagem, o que não quer dizer que seja justo para uma outra personagem.

Em pequenos detalhes tentei colocar um pouco da minha vida pessoal. Cada personagem carrega um pouco do que temos, ou do que vemos nas outras pessoas. Tentei que elas fossem humanas, acima de tudo.

Ao mesmo tempo, lutei para que o suspense se mantivesse até ao fim, e troquei várias vezes de culpado, para sustentar esse mistério. Espero ter conseguido. Isso só o leitor pode responder.

Termino aqui o prefácio, para que possa ler calmamente a história. Diga-me depois se conseguiu descobrir o assassino mais cedo do que os detetives presentes no enredo. Estou sempre disponível nas minhas redes sociais.

Um Crime em Tons de Conflito é a terceira obra publicada e a mais adulta, até ao momento.

Boa leitura!

Capítulo 1

O colégio Silva e Costa é uma instituição universitária privada. Com bastante requinte, construída no meio da capital, tem uma das melhores famas. Nem todos os alunos conseguem estudar neste local. É um dos que mais cobram. Os estudantes são filhos de empresários, médicos, advogados, políticos, ministros, agentes ou professores. Conseguir-se entrar com bolsas, para quem tem menos condições financeiras, mas é complicado, já que os jovens devem ter comportamentos exemplares. É um sonho para qualquer aluno que tenha o desejo de entrar na universidade.

Com grandes e longos corredores brancos, cacifos espalhados pela instituição e um grande campus, onde alguns dormitórios encontram-se instalados. Os dormitórios foram construídos para alunos que têm casas fora da capital, passando ali as noites para que, nos dias seguintes, estejam perto do local escolar, contudo outros alunos também preferem ali estar. Muitas vezes, às sextas-feiras, ou nos fins de semana, estudantes são vistos a saírem com malas de viagem para passarem tempo com os familiares.

Nestes mesmos dormitórios, encontram-se alojados três alunos, estando separados por masculinos e femininos. Os rapazes não devem visitar os dormitórios femininos e vice-versa. Até câmaras de segurança encontram-se instaladas na entrada dos dormitórios para prevenirem essas visitas. Claro que são poucos os alunos que realmente veem esta regra como cumprida. O reitor também não faz tensão de dar algum aviso, desde que as alunas não acabem grávidas. Aqui, neste ponto, todos concordam. Nenhuma estudante deseja estar grávida antes de terminar os estudos, principalmente ali naquela instituição.

O campus também é um bom local de convívio. Possui árvores e relva diversa. Às vezes, quando chove bastante, os alunos necessitam de trazer galochas, ou botas altas para não ficarem com lama na roupa. Parece ser a única reclamação destes jovens.

Existem inúmeros cursos nesta instituição: Ciências, Direito, Medicina, entre outros. Além disso, a universidade gaba-se de ter também hobbies para os seus alunos: Artes cénicas, que pode até

tornar-se algo profissional, futebol, basquetebol, ou natação, onde a instituição passa por campeonatos nacionais.

O reitor não é necessário aqui nesta história, vamos referir. Na verdade, tudo o resto é, sim, importante. Ele é apenas um homem velho e cansado, com uma filha já adulta. Ou seja, nem paciência tem para jovens universitários.

Tinha-se iniciado um novo ano escolar. Novos alunos dizem olá e outros tantos dizem adeus. Três, quatro ou cinco anos de estudo e depois vão-se embora, dando um novo olá. Desta vez, espera-se, mais longo, para o mercado de trabalho.

Os Engenheiros Informáticos tornam-se licenciados em três anos, ao mesmo tempo que os alunos de Desporto e os estudantes de Psicologia, no entanto, se contarmos com o mestrado, este último passa a um total de cinco anos. A licenciatura em Direito já é de quatro anos, tornando-se seis, se contarmos com o mestrado.

O primeiro ano do curso de Física estava a iniciar-se, mas iremos focar-nos no segundo ano. Aqui todos querem ser chamados de engenheiros e não tanto de doutores. Não que isso importasse para uma morena, de pele branca, com um metro e sessenta e cinco de altura. Excelente estudante do curso, com ótimos resultados, só se lembra de ter tido uma nota vermelha no ensino básico e foi a Educação Física. Nunca foi uma grande corredora. Simone Gomes era o seu nome. O primeiro era inspirado na artista portuguesa Simone de Oliveira. A mãe era fã da senhora. A jovem, filha de pais católicos, cresceu a ir todos os domingos à Igreja.

Acordava mais cedo que a maioria dos colegas. O dia começava, normalmente, por volta das sete da manhã, porém Simone acordava uma hora antes só para rezar. As suas colegas de dormitório já estavam habituadas. A rapariga também não fazia barulho dentro do quarto dela. Só se levantava, pegava no terço dentro da gaveta da sua mesa de cabeceira, colocava-se de joelhos em frente à cama, com os cotovelos em cima da mesma e iniciava o Pai Nosso.

– Pai Nosso que estais no céu, Santificado Seja o Vosso Nome...
– Sussurrava ela, com a cabeça direcionada para o estore fechado. Tinha apenas o candeeiro da mesa de cabeceira aceso.

Às seis horas e trinta minutos estava pronta para iniciar o dia. Saía do quarto, caminhava em direção à casa de banho, arranjava-se, e depois saía para a cozinha. Normalmente, estava vazia, mas, naquele

dia de sexta-feira, fim da primeira semana de aulas, a sua colega loira de cabelo curto estava presente.

– Estás aqui? – Pareceu apanhar um susto.

Maria Rodrigues estava a mexer na máquina do café. Virou-se para ela.

– Não consigo dormir hoje.

Simone pegou num copo de dentro do armário e encheu-o de água da torneira bebendo-a toda, logo em seguida. Depois falou:

– Hoje tenho uma aula importante logo de manhã.

As duas não estudavam no mesmo curso. Simone estava em Física, Maria estudava Arquitetura. A morena já tinha completado os dezanove anos, enquanto a loira ainda tinha dezoito. Ambas encontravam-se a iniciar o segundo ano.

O curso de Arquitetura apresenta licenciatura com mestrado integrado, o que faz com que dure cinco anos.

– Felizmente, não tenho um professor chato. – Fez uma pausa. – Já imagino a confusão hoje. Começaram as aulas dos calouros do primeiro ano. Tu viste como foi o primeiro dia? – Maria bufou.

– Nós também já fomos assim, ou não te lembras do ano passado? – Simone sorriu. A jovem fazia covinhas, assim que esticava os músculos faciais. Tinha um rosto em formato circular e bochechas largas. Não era acima do peso, mas sofria de algum inchaço. Quando era criança, teve alguns problemas intestinais e, aos dezasseis anos, com o excesso de úlceras – que são chamadas de aftas pela população – descobriu sofrer da doença de Crohn. Aprendeu a conviver com ela, que, algumas vezes, não se encontra na fase ativa. A última vez em que sofreu um pouco mais foi no começo do ano letivo passado, onde ela simplesmente evacuava três vezes ao dia e tinha uma febre baixa constante. Hoje controla-a, e, a pedido dos pais, o reitor faz de tudo para que ela não beba leite, algo que Simone gosta desde bebé. As colegas de quarto também levam esse pedido a sério, Maria apenas bebe café e a outra estudante, muitas vezes, nem toma o pequeno almoço no dormitório, como naquele dia.

– Eu quero não me lembrar. – Maria encolheu os ombros, levando a chávena de café aos lábios. – Na verdade, a única coisa que eu me lembro é do concerto lá em Los Angeles. Que belo aniversário que tivemos! Quer dizer, foi o teu, mas parecia ter sido o meu. – Riu-se, ainda sonolenta.

O aniversário de dezanove anos de Simone aconteceu no dia vinte e dois de julho, na última semana de aulas da universidade. Porém, o concerto tinha sido marcado para dez dias depois, dia um de agosto, fazendo com que as três fossem comemorá-lo juntas na cidade dos Estados Unidos. Apanharam o avião no dia vinte e nove, instalaram-se em Los Angeles, foram ao concerto, e retomaram ao país no dia três de agosto. Os pais confiavam nas jovens, até porque a Internet foi criada para se saber onde estavam os filhos, mesmo que não usassem aplicações para tal, mas o contacto era feito.

Maria bebia café para que a sua alma voltasse para o corpo. De pijama ainda vestido, soprava a bebida e bebericava em silêncio.

– Onde é que está a Teresa? – Simone perguntou, de olhos na torradeira, depois de olhar rapidamente para um calendário pendurado na parede. O dia treze de setembro estava marcado. Sexta-feira, treze. A jovem não era supersticiosa, mas a verdade é que aquelas datas davam-lhe arrepios. Coisa boa não iria acontecer.

– Não comprei pão ainda. – Maria olhou para o que a colega estava prestes a fazer.

– Eu vou fazer torrada, não preciso de pão do dia. – Ela sorriu. A loira bocejou.

– A Teresa está na piscina. – Respondeu à pergunta, finalmente.

Teresa Sousa era a colega de dormitório de Maria e de Simone. Estudava na mesma turma de Simone, em Física. Era uma jovem loira, alta, de olho azul e com fama de mal encarada. Até que era boa aluna, porém o que era mais saliente nela era a sua arte no meio da água. Excelente nadadora, participava dos campeonatos nacionais. Treinava diariamente ao lado do seu amigo Tomás Tavares. Ele não era nadador, era jogador de basquetebol, mas ajudava-a. Tomás, de vinte e um anos, estudava no último ano do curso de Engenharia Informática. Atenção, não era hacker, era apenas fã de computadores.

A jovem saiu da piscina a respirar fundo. Olhou para o rapaz.

– O teu tempo foi de um minuto e trinta segundos. – Ele falou, enquanto encarava o telemóvel. – Mas foste melhor que ontem.

– Melhor que ontem?! Tu és muito positivo. Só melhorei segundos. – Respondeu ela, a revirar os olhos.

Ele também revirou os olhos.

– Só informei. Pode ficar melhor, Teresa!

Ele aproximou-se dela. Deu-lhe um beijo na testa, entregou-lhe o roupão e tirou a touca de natação por ela. Uma jovem morena, de olhos castanhos, aproximou-se deles.

– Vocês importam-se? – Ela perguntou, a sorrir.

– Desculpa, Luísa, estás à vontade. Eu vou-me embora. – Tomás virou-se da morena para a loira. – É melhor tomares banho, podes apanhar uma constipação.

– Vais para onde? – Teresa perguntou.

– Para a minha aula. – Ele riu-se. – Eu tenho aulas. – Olhou para o relógio de pulso. – E estou atrasado, na verdade.

– Tão cedo? – Ela ergueu uma sobrancelha. Ele riu-se, colocando as mãos nos bolsos das calças.

– Na verdade, não são aulas. É para o calouro que eu estou a ajudar. – Encolheu os ombros, a bufar. – Vais sofrer do mesmo quando chegares ao último ano. – Piscou o olho para a rapariga. Teresa sorriu.

– Ok. – Ela deu um tchau com a mão e ele afastou-se.

Luísa olhou para cima, para a colega loira. Luísa possuía apenas um metro e sessenta e cinco. Teresa tinha um metro e setenta e oito. Tomás, moreno, de pele clara, com cabelo curto e olhos castanhos, era igualmente alto, com um metro e oitenta e três.

– Ele vai deixar-me treinar sozinha?

Teresa olhou para a rapariga e permitiu-se rir, pela expressão surpreendida da colega.

– Desculpa. E eu tenho que ir embora também. Vemo-nos depois.

– Hey, Teresa, só um minuto, por favor. – Pediu Luísa. A loira esperou. – A Nicole já treinou?

Ela afirmou com a cabeça.

– Foi a primeira. O Tomás ainda a viu a sair. Como sabes, ela é sempre a primeira nos treinos. Acorda com as galinhas só para fazer o seu yoga antes da natação. – Riram-se. Luísa agradeceu, de seguida.

Despediram-se. Teresa começou a secar o cabelo loiro com o roupão, enquanto caminhava para o vestuário. A chave do cacifo encontrava-se debaixo do mesmo. Era o lugar usado para ela escondê-la, enquanto treinava. Pegou na roupa – uma camisola floral, roupa interior, calças de ganga e casaco de malha –, deixou-a em cima do banco e foi para o duche. Tudo separado por cortinas brancas.

– Um minuto e trinta segundos... Menos que isso não vais conseguir! – A loira ouve. Voz feminina. Reconhecida.

– Tinhas que ouvir, não era? – A voz riu-se. – Isso é o que tu pensas, se eu quiser, eu consigo. – Respondeu. – Tu treinaste antes da Nicole?

– Não. Treinei depois.

Teresa sentiu um vento frio nas costas que causou-lhe arrepios, Daniela abriu a divisória entre os duches de banho.

– Estás a usar esteróides? Alguma coisa do género? – Perguntou a jovem de cabelo preto curtinho. Erguia uma sobancelha para a loira alta.

– Meu Deus! – A jovem parecia chocada. – Não preciso disso. – Fez uma breve pausa. – Agora eu preciso é de privacidade! – Apontou o olhar para a cortina.

– Se não fosses tu, iria acreditar que alguém andava a mentir. A Luísa conseguiu fazer cinco voltas, em vez dessas tuas quatro, em menos de um minuto e meio, mas, tu sabes, nos treinos parece tudo mais rápido.

– Não me ataques usando a Luísa, Daniela! Diz-me o teu tempo. Três minutos e meio? – Tentou provocá-la.

– Quantos minutos disseste? Três minutos e meio? Mas eu sou alguma lesma? – Riu-se sarcástica. – O meu tempo é curto, Teresa. – Daniela desligou o chuveiro. – Estou atrasada para as minhas coisas.

– Hum... eu sei que coisas são essas. – A loira revirou os olhos. A colega riu-se.

– Vejo-te mais tarde. Parabéns, tens talento.

“Parabéns, tens talento”? A loira ficou a pensar naquelas palavras. Nem reparou no corpo da morena. Estava pensativa com a felicitação. Ela conhecia a colega há um ano e a relação não era das melhores. Muita história envolvia-as. As duas eram alunas do mesmo curso, juntamente com Simone e Luísa. Questões amorosas e intrigas envolvendo amizades, fizeram-nas separarem-se. Suportavam-se, mantinham alguma cordialidade, no entanto era visível a animosidade.

Daniela Lopes não tinha um corpo padrão, possuía ancas largas e seios fartos para os seus um metro e sessenta e um de altura. Uma barriga lisa, mas tinha pernas e rabo mais volumosos. Teresa só reparou mais tarde na roupa que a colega vestiu. Saia curta preta, meias com um buraco na zona da perna direita e uma camisa xadrez. Com o cabelo curtinho e preto parecia uma versão mais nova da Joan Jett, a rainha do rock. Realmente, ela era fã da cantora. The Runaways

era uma das suas bandas favoritas, além de outras, como Nirvana, Radiohead e os Beatles.

As duas jovens perderam definitivamente a amizade que mantinham desde o começo do ano letivo passado no dia de aniversário de dezanove anos de Daniela, ocorrido a vinte de agosto, durante as férias. A razão tinha ficado escondida, após o ocorrido. Aconteceu e passou. Nenhuma referia a situação, mas as amigas mais próximas sabiam.

– Vais apanhar uma constipação, se não vestires um casaco. – Aconselhou a loira, séria.

Daniela sorriu, amargamente.

– Viste a temperatura onde?

A loira encolheu os ombros.

– Estamos em setembro e quase no outono.

– Ainda ontem estavam vinte e três graus. – Desvalorizou. – Mas, se der frio, visto um casaco de cabedal.

Ao atravessar a piscina, deu um tchau com a mão a Luísa, que preparava-se para saltar para a água. Mas, antes, a morena pediu:

– Se vires a Nessa, diz-lhe que a marcação do treino está de pé. Daniela pareceu pensar.

– Agora que falas nisso, ainda não vi a Vanessa hoje. – Encolheu os ombros. – Tu é que divides o dormitório com ela, mas ok, se a vir no campus eu digo-lhe. – Sorriu. – Bom treino, Luísa! – A morena agradeceu e Daniela afastou-se.

No meio do campus, a jovem cruzou-se com João Andrade, um estudante que passava mais tempo a beber do que a estudar. Estudava Medicina. Gostaria de ser veterinário. Preferia animais a pessoas. Até poderia ser um bom rapaz, mas não revelava ser mais do que um bêbado. Filho de pais empresários do ramo do imobiliário, todos pensavam que ele seria arquiteto. Que desgosto! Para os pais, claro. Felizmente, o irmão mais novo, Nelson Andrade, estudava na área pretendida. Iria construir casas, dizia o rapaz, a rir. O jovem estudava no segundo ano de Arquitetura, sendo colega de Maria, a companheira de dormitório de Simone e de Teresa. João estudava no segundo ano de Medicina, depois de ter reprovado no secundário. Tinham uma diferença de dois anos.

Daniela foi até à cantina e pediu dois cafés e duas sandes, uma mista e outra de queijo. A jovem não comia carne de porco e a universidade não tinha fiambre de frango. Quis criar uma

manifestação, mas não tinha apoios suficientes para iniciar uma. Talvez, com os novos alunos do primeiro ano, as coisas mudassem de figura.

Regressou ao campus, tranquilamente, enquanto alguns estudantes iam e vinham. Reparou em Nicole Anjos, acompanhada pela namorada assumida, Marisa Matos. Apenas cumprimentou-a novamente. A colega nadadora era da turma de Tomás, a única rapariga presente no curso. Havia mais rapazes a candidatarem-se a Engenharia Informática. A estudante era assumidamente homossexual e dizia-se que tinha sido obrigada pelos pais a seguir o curso. Boatos corriam de que ela preferia ter seguido Desporto. A verdade é que, sendo nadadora, talvez a ideia de mudar tivesse sido descartada, afinal andou três anos no meio de computadores, pensavam as más línguas. Essas más línguas que também contavam que Nicole já tinha tido um breve romance com Andreia Borges, dessa mesma turma de Desporto, que, inclusive, era sua colega de dormitório. Mas Daniela não fazia parte desse grupo de jovens invejosos, até porque também ela tinha telhados de vidro. Não era do mesmo signo que a colega, Nicole tinha completado vinte anos no dia vinte e oito de agosto, sendo de virgem, em vez de leão, no entanto a rapariga entendia a colega. Ela também tinha coisas a esconder, sendo elas verdadeiras, ou não. Além disso, Daniela seguia muito a letra da canção da cantora brasileira Pitty, “Teto de Vidro”. Pitty, que era conhecida como a rainha do rock brasileiro.

Equilibrou os cafés com um saco, que continha os lanches, com uma mão, enquanto puxava uma chave do dormitório do Luís Ferreira de dentro do bolso da mala. Quando abriu a porta, seguiu em frente. Tudo estava quieto, ela assim o sabia ainda antes de entrar. Foi até ao quarto do rapaz e abriu a porta, entrando e fechando-a atrás dela. Ele dormia de barriga para cima com um cobertor. A festa da noite anterior tinha sido cansativa, pensou. Mas ainda era manhã de sexta-feira. Ah, quem é que ela queria enganar? Só mesmo os calouros é que não iam a festas na primeira semana de aulas. Colocou as coisas em cima da escrivaninha dele, que só tinha um computador portátil e livros da faculdade, e caminhou para a beira da cama. Puxou o cobertor e viu-o nu. E ainda há pouco tempo a nadadora tinha ouvido pela Teresa que estava frio. Mas é homem, não se sabe como, nem porquê, eles conseguem sempre manter a temperatura do corpo

quente. O pessoal de Biologia deveria saber, talvez. Ou, então, no curso dela já falaram disso, mas ela encontrava-se a dormir nessa aula.

– Luís? – Ela chamou-o, tocando-o, passando um dedo pelo peito dele. – Acorda, amor.

Ele abriu os olhos e sorriu. Puxou-a para cima do corpo dele.

– Trouxe-te o café. – Ela soltou-se, a rir.

– Muito obrigado. – Agradeceu com a voz sonolenta.

Ela levantou-se e deu-lhe o café para a mão, sentando-se ao lado dele, na cama.

– Ainda são sete e vinte, podes ir tomar banho. Eu preciso de me ir embora hoje mais cedo, só passei para te dar o café, já que decidiste ser o casal do ano com a Cristina.

– Foi ideia dela. E tu sabes que eu preciso de ter uma boa imagem para os vossos pais.

– Sim, mas devias ter-me escolhido. Vamos passar quanto tempo mais assim?

– Eu vou terminar com ela depois que o teu pai acertar tudo de vez com a equipa, depois disso é só esperar um tempo e já vamos poder andar por aí. – Ele sorriu. – É uma questão de tempo, se eu fosse esperto e tivesses me notado primeiro, é lógico que teria te escolhido e não à Cristina. Mas, tu sabes, a tua irmã veio primeiro.

– Vem em primeiro em tudo. – Falou num sussurro.

Cristina e Daniela tinham dois anos de diferença. A mais velha namorava com Luís há pouco mais de um ano. Ele era companheiro de dormitório de João Andrade e de Tiago Almeida. Estudava no último ano de Desporto. O rapaz não era de grandes posses financeiras, entrou na universidade com uma bolsa. Com um metro e noventa e um, era alto o suficiente para ser o ponta de lança da sua equipa de futebol. O jovem, de vinte e um anos feitos no início de Janeiro, era visto como mulherengo, pelo menos até ter começado a namorar com Cristina. A única coisa que tinha em comum com os colegas de dormitório era o futebol. Os três eram colegas de equipa. Luís era ponta de lança e avançado, João era defesa e Tiago podia ter as posições de lateral e médio. O namorado de Cristina era o capitão da sua equipa há mais de dois anos, depois de um veterano ter saído.

O moreno de olhos azuis vangloriava-se de ser bom em desporto e mostrava-se. Queria partir do país e viajar, jogando em equipas grandes. Mas isso ainda era um sonho. No momento, lutava para ter patrocínios, algo que a relação com Cristina ajudava. O pai

dela e de Daniela era quem contribuía de forma financeira a equipa de futebol.

O rapaz saiu do banho e apareceu no campo de visão dela só de roupa interior. Luís tinha um corpo bem definido, devido ao desporto. Ela comia o seu pão com queijo e ergueu o olhar para ele, a sorrir.

– Vais à festa de aniversário do Nelson? – Ele perguntou.

– Ah, é amanhã o aniversário dele?

– Sim, quatorze de setembro. Já está marcado há uma semana.

O João fez questão de espalhar. O irmãozinho vai entrar quase nos vinte. – Riu-se. – Até parece que muda alguma coisa na nossa vida aos dezanove anos.

– A minha irmã perdeu a virgindade, por exemplo. – Daniela ficou levemente sombria. Luís ficou, subitamente, sério.

– Ela não tinha perdido no secundário?

Daniela negou com a cabeça.

– Foste tu, Luís. Parabéns! Tens a virgindade da minha irmã. Mas tu, obviamente, não vais espalhar por aí. Ela só contou esse segredo a mim. – Ela levantou-se da cama dele, amachucando o papel com as migalhas do pão, deitando no caixote pequeno preto que ele tinha ao lado da escrivaninha. O rapaz vestia a camisola, depois de ter vestido as calças de ganga. Estava chocado.

– Ela não me contou nada disso.

– Acho que ainda não devem ser muito próximos. – Encolheu os ombros.

– Mas, pelo menos, eu não fui o teu primeiro, certo? – Ele parecia com algum medo da resposta, mas a rapariga riu-se.

– Fica descansado, tornei-me emancipada mais cedo que a minha irmã. Eu sou a filha rebelde dos meus pais. No final do básico já eu tinha ficado sem ela. – Ele riu-se.

– Mas parece que não foi bom.

– A primeira vez é mais um sonho do que qualquer outra coisa. – Encolheu os ombros, novamente. – Aliás, não foste muito bom, se queres saber.

Ele riu-se, divertido.

– Não vais atacar o meu ego. – Ela teve que se rir depois das palavras. – Além disso, ela continua comigo.

– Não tinha nada com que comparar. Não tem, na verdade. – Fez uma pausa. – Eu não sei se irei à festa. Tu vais com a Cristina?

Ele afirmou com a cabeça, tristemente. Ela respirou fundo.

– Vou tentar comparecer, até porque acho que não vou ter ninguém no dormitório.

Daniela dividia o dormitório com Marisa Matos, a namorada da sua colega nadadora, e com uma jovem do mesmo curso que ela, com quem não mantinha relação alguma. Marisa, de dezanove anos, estudava Medicina no mesmo ano que João, e Adriana Delgado, da mesma idade, era uma nerd que passava mais tempo no seu quarto do que a conviver. A primeira era negra, descendente de Angolanos. Não era pobre, vivia no meio de milhares de milhões de Kwanzas. Ela fazia parte daquele grupo de pessoas negras que nunca sofreria de preconceito por brancos racistas, porque nunca via o fim do dinheiro. O racismo nada mais é do que um preconceito com o tom de pele, porém, se acrescentarmos o “papel”, tudo muda de figura. O nome disso é hipocrisia. E, também, avareza. Marisa, além de negra, era bissexual, uma bela construção para se viver no meio do bullying, no entanto era milionária. O que o dinheiro não faz...

Adriana Delgado era... Nem Daniela sabia descrever a rapariga com quem dividia o dormitório. Pouco se sabia da jovem morena, baixinha, com pouco mais de metro e meio de altura e com um cabelo quase a chegar até ao rabo. O que ela não tinha em altura de corpo, tinha em cabelo. A irmã de Cristina sentia um pouco de inveja da longa juba da colega, mas mal ela sabia que a rapariga tinha estragado os fios a pintar madeixas vermelhas na sua pré-adolescência. Momentos loucos do pior período da vida do ser humano.

Enquanto ela abraçava o rapaz, foram interrompidos.

– Luís! – Uma voz feminina gritou, enquanto batia na porta. – Estás acordado? Luís!

– *Merda!* – Disseram juntos.

Olharam para a porta. Ele olhou para Daniela, de seguida, sem saber o que fazer, assustado. Ela revirou os olhos e pegou na mala.

– Faz alguma coisa! – Sussurrou a rapariga.

– O quê?

– Responde-lhe, diz qualquer coisa.

– Dani, vais ter que sair pela janela. – Ele encolheu os ombros, falando o diminutivo dela.

Ela abriu mais os olhos, chocada.

– Tu tens a noção que isto não é um rés do chão? – Sussurrou.

– Luís? Amor, estás aí? – A voz de Cristina fez-se ouvir novamente.

– É a única maneira. Tens que saltar. – Ele falou, a começar a ficar chateado.

– Tu vais pagar-me, Luís!

Daniela foi em direção à casa de banho e abriu a janela. Inicialmente, olhou para o céu. Estava a clarear, mas vinha chuva. A Teresa tinha razão, afinal. Felizmente, não iria ficar suja de lama tão cedo. Depois, encarou o chão que parecia ser infinito. Enquanto Luís sussurrava “salta depressa” repetidamente, o seu coração acelerou, enquanto se sentava na janela. Fechou os olhos e minutos depois sentiu uma dor enorme nos braços e nas pernas.

“Filho da *puta*” – Pensou Daniela.

Capítulo 2

A manhã estava a iniciar-se. No dormitório de Cristina Lopes, irmã de Daniela, estava a acordar Vanessa Duarte. Ao seu lado, encontrava-se Andreia Borges, de pé, encostada à secretária dela, de braços cruzados. Esperava que a jovem acordasse. Vanessa era baixinha, morena, totalmente dentro do padrão e muito calminha. Mostrava ser calada e acatar o que lhe diziam. Mas, como se costuma dizer, toda a gente tem telhados de vidro e ela tinha os seus.

A rapariga abriu os olhos e assustou-se com o olhar sério de Andreia sobre ela.

– Não acredito como ainda tens a lata de me fazer isto. – A rapariga loira com fios de cabelo negros falou, desencostando-se da secretária. Vanessa bocejou.

– Do que é que estás a falar?

– Da festa de ontem, Vanessa. – Andreia subiu um pouco o tom de voz.

A jovem foi obrigada a abrir os olhos, acordando por completo. Procurou pela sua camisola vermelha, vestida na noite anterior. Vestiu-a, ficando sentada na cama.

– O que é que aconteceu?

– O que é que aconteceu? Ainda perguntas? – A colega riu-se de forma amarga. – Eu não acredito que me fizeste isto. Tu sabes que eu gosto de ti e passas a vida a enganar-me. – Abriu os braços, chateada.

Vanessa fez um ar sério. Tirou os cobertores de cima dela e aproximou-se, nua da cintura para baixo, da namorada.

– Como é que consegues ser assim? Tão séria para as coisas? Tão chata? Era só uma dança, quando é que vais entender? – A discussão subia de tom, mas não num tom tão grave a ponto de se ouvir da porta do quarto para fora. Vanessa não queria isso, então só falou um pouco mais grave, porém a sua voz aguda não lhe permitia parecer cruel.

– Só vou entender quando parares de sentir vergonha de mim e parares de dançar e de te esfregar com os teus rapazes. – Falou Andreia, ficando de frente para a Vanessa. – Tu sabes o que eu passo aqui com essa fama de “quero divertir-me e ser hetero”.

Andreia, de dezanove anos, era uma loira de um metro e sessenta e um, declaradamente lésbica. Antiga capitã da equipa de futebol feminino. Diferente da equipa masculina, Andreia tinha pais que conseguiam dar-lhe patrocínios suficientes para se manter no hobby. A jovem estudava Desporto, no mesmo ano que Luís. Tinha o mesmo sonho que o colega, mas sabia que o seu sexo mudaria as oportunidades. As mulheres ainda teriam que passar por muito para conseguirem usufruir das mesmas opções que os homens.

Também existiam boatos de ter tido um breve romance com a colega de dormitório Nicole Anjos, nadadora colega de Vanessa.

Enquanto isso, Vanessa, de vinte anos, estudava Direito, na mesma turma que Cristina, no entanto as duas colegas de dormitório e de turma não eram grandes amigas, só partilhavam aulas, quarto, cozinha, casa de banho... e ex-namorados. Boatos corriam de que Vanessa e Luís tinham tido uma curta relação antes dele ter iniciado um romance com a irmã de Daniela. Os dois nunca confirmaram, mas as festas estavam lá para afirmar. Infelizmente, as paredes de um bar nunca falaria nada.

A morena teve que olhar um pouco para cima. Só tinha um metro e cinquenta e cinco de altura. Andreia mostrava-se chateada.

– Não é tão fácil para mim, ok? Não sou como tu, imune às críticas. Tu és a minha primeira namorada, ainda é difícil mudar a visão das pessoas. – Falou com um olhar arrependido.

Andreia respirou fundo e virou a cara, por breves segundos.

– Vanessa – Voltou a olhar para a rapariga –, desculpa, mas no dia em que conseguires amar-me fora destas paredes – Olhou ao redor do quarto – E parares de empinar esse rabo para o teu ex-namorado, volta a falar comigo porque eu não quero um relacionamento desta maneira.

– Andreia... – Ela não a deixou continuar. Colocou uma mão à frente.

– Eu gosto de ti, mas não dá para ser assim para sempre.

Ela beijou Vanessa nos lábios e saiu com a mala nas mãos. A rapariga correu até à cama e abafou um grito na almofada. Nesse momento, a porta do quarto abriu-se.

– Vi a Andreia a sair daqui. – Vanessa reconhecia aquela voz. Era a sua colega de dormitório. Não era a Cristina. Era a Luísa Castro. A jovem nadadora, de rabo virado para a colega, deu um grito na almofada.

– Vai-te embora, Luísa. – Pediu, a gritar, com o som a sair abafado.

Luísa respirou fundo e começou a enumerar tudo o que lhe queria dizer.

– Temos só vinte minutos. A primeira aula vai começar. Temos reunião de equipa hoje à tarde. A marcação do nosso treino está de pé. Já tive o meu treino e já tomei o pequeno almoço, tens uma torrada acabada de fazer na cozinha e um chá preto. – A rapariga não esperou por uma resposta, que, realmente, não viria. Saiu, fechando a porta.

O ex-namorado que Andreia mencionava era Vasco Figueira, o colega de quarto de Tomás. Ele estudava no último ano de Psicologia. Vanessa e Vasco conheceram-se antes da faculdade. Estudaram na mesma escola secundária, no curso de Línguas e Humanidades. Depressa iniciaram um romance que se tornou longo, contudo a jovem não era muito explícita quanto aos seus sentimentos.

Conheceu Andreia no segundo ano de faculdade. A rapariga era caloura, na época. A loira sentiu-se atraída pela jovem, além disso o seu radar mostrava que Vanessa não era realmente heterossexual. Mas apanhou um desgosto. A morena nunca iria sair do armário. Quer dizer, os astros nem sequer estariam a favor das duas. Eram ambas sagitarianas. Vanessa faria vinte e um anos no dia quatorze de dezembro e Andreia faria vinte anos no dia dezoito do mesmo mês.

O dia de aulas correu. Todos os alunos foram para as salas, com Daniela a ter ido trocar de sapatos antes da primeira aula, depois da queda que deu ao saltar da janela da casa de banho de Luís. Além disso, também vestiu o tal casaco de cabedal que mencionou a Teresa. Estava mesmo a ficar frio, sinal de que o outono estaria a começar.

No final das aulas da manhã, as amigas e colegas de dormitório Maria, Teresa e Simone conversavam sentadas num banco do pátio. Maria Rodrigues tinha a fama de ser rebelde. Aqueles olhos azuis revelavam-no. De cabelo curtinho e loiro, era assumidamente bissexual e aspirante a fotógrafa. Trabalhava na Associação de Estudantes e tirava as fotos para o jornal. Simone Gomes, um pouco mais recatada, era, além de estudante de Física, também aluna de Artes Cénicas e filha de pais advogados.

Os estudantes iam e vinham. Às vezes, passava um calouro a perguntar a direção da próxima aula. As três amigas sorriam para as pequenas formigas, a relembra-rem-se do ano passado. Quem eram aquelas três no ano anterior? Cheias de sonhos, no meio de uma

instituição enorme. Os sonhos pareciam pequenos para um lugar daquele tamanho. Hoje já não é assim. Sabem o lugar onde estão.

– Vocês vão à festa de anos do Nelson? – Maria perguntou a sorrir.

Teresa negou com a cabeça.

– Amanhã pretendo atualizar-me na minha série favorita.

Simone encolheu os ombros.

– Posso ir. O professor de Artes Cénicas vai dar uma aula amanhã para vermos um possível novo espetáculo.

As três viram o professor Jorge a tirar os seus papéis de teatro na entrada do local. Estava parado, compenetrado nas folhas. Simone era a única aluna dele, foi a primeira a identificá-lo.

– A falar no Diabo... – A rapariga direcionou o olhar para o homem.

– Apesar dos boatos, ele é lindo, não? – Maria apontou para o professor, a rir.

– Maria! – Simone repreendeu-a, mas riu-se também.

O professor era bastante misterioso. Com boatos a surgirem e a rondarem sobre ele, parecia que, mesmo assim, nada o abalava e as suas aulas ocorriam como se nada se tivesse passado. O reitor também não se importava, desde que Jorge não fosse parar a um tribunal.

– Falando a sério, acreditas mesmo nessas coisas que dizem? – Perguntou Maria.

– Ele não tem cara disso, mas nunca se sabe.

– Vocês estão a oferecer-se a um homem que não têm maturidade para segurar. – Teresa revirou os olhos. – Boatos são apenas boatos.

– Eu a oferecer-me a um homem? – Simone fez um ar escandalizado. – Não faz o meu género. Prefiro mais novos. Estudantes, no caso.

– Como o Ed? – Maria riu-se. A amiga morena bufou.

– Infelizmente, ele deve ter fugido de mim.

– Estás livre de escolher quem tu quiseses, desde que não seja comprometido. – Teresa encolheu os ombros.

– E tu, Teresa? Achas que és mulher para ele? – Maria perguntou, séria.

– Eu sei valorizar-me. – Encolheu os ombros. – Às vezes.

– Aposto as minhas últimas economias para ires até ele, Teresa!

– Ele não me interessa. Não estou carente, guarda as tuas economias.

A loira alta pegou nos seus livros ao seu lado, levantou-se e deu a volta pelo pátio. Maria e Simone acompanharam-na com o olhar. Quando esta saiu das vistas delas, voltaram-se novamente para o professor. Apaixonadas? Nem por isso. Mas os boatos rondavam e, com pouco mais de trinta anos, Jorge não era homem de se mandar para um lixo.

– Para te ser sincera – Maria sussurrou –, não me importava nada de deitar um olhar para ele. Não é meu professor.

– Mas pode ser casado.

– Sim, pode ser, mas isso tu podes saber. – Encolheu os ombros. – Mas, deixa lá, não estou a necessitar. Ainda agora terminei com uma gaja do último ano, que rumou para não sei onde. Talvez daqui a uns anos a veja a seguir política.

Daniela olhou para o seu relógio de pulso durante a sua última aula do dia. Olhou, de seguida, para baixo e viu as colegas Teresa e Simone. Respirou fundo. Às vezes, perguntava-se o que fazia no curso de Física. Tinha sido uma obrigação dos pais. A sua ideia nem era ir para a faculdade. Ela queria apenas ir para um curso de Cabeleireira, para melhorar aquele cabelo de rato que ela tinha em cima da sua cabeça. Mas a vida nunca era o que ela queria.

O dia de aulas terminou. As cinco nadadoras encaminharam-se para a piscina coberta, onde teriam reunião nos vestuários, ao lado do treinador. As equipas de futebol também se encaminharam para o ginásio, que estava situado no lado oposto da piscina. Uma bela construção! Felizmente, nenhum aluno frequentava a natação e, logo de seguida, o ginásio, ou teria que fazer um longo percurso, indo de uma ponta à outra da universidade. Mas isso não incomodava, porque nenhum estudante era nadador e futebolista.

As cinco jovens marcaram presença ao lado do treinador, um homem alto, com os seus cinquenta anos. Pouco frequentava a universidade. Ao que parecia, ele treinava mais três equipas de natação, que não competiam com as alunas daquela instituição.

– Estamos próximos das datas dos nossos campeonatos e vocês precisam de se unir. Marquem treinos juntas, vão trabalhando, uma equipa unida chega mais longe. – Tentou incentivá-las, com uma voz segura.

Os campeonatos começariam na próxima semana. Não seriam os melhores e os mais importantes, mas sabiam que teriam olheiros no local, era importante estarem preparadas. No último campeonato distrital, as cinco jovens conseguiram um cansativo terceiro lugar, sendo que Luísa, Teresa e Vanessa conseguiram chegar ao pódio, no modo individual.

Ao saírem da reunião, as raparigas começaram a falar sobre os treinos.

– Podíamos pensar em treinar juntas amanhã. – Propôs Teresa.

– Amanhã não estarei cá. Vou passar o fim de semana com os meus pais. – Avisou Nicole. Luísa bufou.

– Tu nunca apareces para treinos em equipa, Nicole!

– Eu tenho uma família, Luísa, desculpa desiludir-te. – A rapariga respondeu, amargamente.

– Calma, podemos pensar em algo que dê para todas. – Falou Daniela.

– Vamos tentar algo para segunda. – Teresa terminou.

As cinco perceberam que não iriam conseguir marcar nada naquele momento. Esperariam o regresso de Nicole para falarem.

Ao chegarem ao pátio, repararam em Cristina. Sentada num dos bancos, esperava pelo fim da reunião da equipa de futebol. Todas as raparigas cumprimentaram-na e afastaram-se.

De seguida, chegaram os basquetebolistas. Tomás e Vasco, colegas de equipa, vinham animados a conversar. Os dois colegas de equipa e de dormitório até que conversavam com alguma frequência, mas apenas sobre o desporto. Os dois também cumprimentaram Cristina e afastaram-se.

Não demorou muito tempo para que os futebolistas surgissem também. Luís vinha com cara de poucos amigos, João tinha um ar brincalhão no rosto e Tiago manteve-se calmo, a olhar para o chão, enquanto caminhava. Apenas cumprimentou Cristina e foi-se embora. A rapariga levantou-se do banco e ficou preocupada.

– O que é que aconteceu?

– Mudaram de capitão. – Luís falou, aproximando-se. João passou a sorrir, mas nada disse, só trocou olhares com o colega e afastou-se.

– Por que fizeram isso?

– Estamos a ter problemas na equipa. Estamos a perder os primeiros lugares, o Tiago não faz nada, o João não contribui, então o

mister decidiu que o Tiago deveria ter mais responsabilidade e deixou-o com o lugar de capitão.

Cristina abriu a boca, espantada.

– Ele não tem visão de capitão.

– Isso sei eu, mas tudo bem, eu engoli a decisão. O treinador é quem tem o poder.

Os namorados caminharam até ao dormitório dele. O dia tinha, finalmente, terminado.

Sábado chegou. Naquele dia, poucos estudantes regressaram a casa dos familiares, era apenas a primeira semana, no entanto Nicole foi vista de malas feitas. Tinha realmente falado a verdade, ia passar o fim de semana com os pais. Despediu-se de Marisa e foi para a entrada da universidade.

A aula de Artes Cénicas ocorreu às dez horas. Simone saiu do dormitório dez minutos antes, despedindo-se das colegas. Viu Emília Bettencourt no campus. Aproximaram-se.

– Olá, Simone. Também ias para a aula?

– Olá, sim.

As duas caminharam pelo campus. Encaminharam-se para a sala.

– Sabes por que o Ed saiu? – Simone perguntou. A rapariga negou com a cabeça.

– Acho que ele não queria ir para a faculdade, tu sabias o que é que se passava com os pais.

Emília era a única ruiva natural daquele ano letivo na instituição. Com vinte e um anos, dividia o dormitório com Andreia e Nicole e estudava ao lado de Vasco no último ano do curso de Psicologia. Com olhos verdes, tinha uma beleza peculiar, contudo permanecia solteira. Pouco se sabia sobre os romances dela. Todos pensavam que ela tinha uma relação com alguém de fora da universidade, mas a jovem nunca negava, ou afirmava.

As duas chegaram à sala e perceberam que os colegas, a pouco e pouco, também se aproximavam. Os estudantes não se importavam de ter aula num sábado. Aquela era uma disciplina facultativa, vista como hobby para alguns. Mas só para alguns. Não que fosse algo importante para Emília, já que gostaria realmente de seguir psicologia, porém usava o teatro como ajuda e escapatória da sua vida monótona. Simone já via a disciplina como algo presente no seu dia a dia. O professor Jorge não tardou a chegar. Vinha com uma pasta cheia de

papéis e sorriu para os alunos, abrindo a porta e deixando-os entrarem na sala. Os estudantes começaram a espalhar-se e a sentar-se nas cadeiras. A sala de Artes Cénicas tinha uma apresentação diferente das outras. As mesas tinham o tampo parafusado com as cadeiras, o que dava algum desconforto aos canhotos, já que eram parafusados no lado direito. Isso fazia com que dois alunos daquele ano tivessem que juntar as suas cadeiras – que também vinham com as mesas – com um colega destro para conseguirem usar metade do tampo do colega para escreverem.

– Vamos ver... vocês gostariam de alguma peça em especial?

– Romeu e Julieta. – Respondeu um calouro.

– Fizemos no ano passado. – Falou Simone. O rapaz calou-se, envergonhado.

– O Fantasma da Ópera. – Surgiu um veterano do último ano, esticando a mão.

O professor sorriu.

– Estás a pensar em musicais?

– Mas alguém aqui sabe cantar? – A morena inquiriu, erguendo uma sobrancelha.

– Tu. Sempre ouvi dizer que cantaste no coral da Igreja. – O veterano sorriu, cínico. Simone ia responder, mas só teve tempo de abrir a boca. O professor interrompeu.

– Todos podemos participar. Um teatro musical é ótimo para manter toda a gente alegre. Todos concordam com O Fantasma da Ópera?

– Se for teatro musical, prefiro O Quebra-Nozes. – Simone respondeu, cruzando os braços e acomodando-se na cadeira. O veterano encolheu os ombros.

– Eu sei tocar violino. – Emília comentou, quando a discussão sobre a escolha da peça deu-se por terminada.

O docente sorriu. Já tinham uma peça e uma aluna que podia ajudar. A aula continuou com os jovens a pensarem nos primeiros detalhes.

A parte da manhã chegou ao fim. A hora de almoço foi passada com os estudantes a irem almoçar com os colegas de dormitório, ou de turma. Luísa e Vanessa foram almoçar juntas, Teresa passou o momento com Maria e Simone, Cristina aproveitou para conversar com a irmã e Luís trocou umas palavras com os colegas de equipa.

Teresa percebeu que nenhuma das suas colegas de natação iria treinar. Decidiu fazer o seu treino sozinha, no fim da tarde. Estávamos no Outono, o que fazia com que o dia escurecesse mais cedo.

Eram dezoito horas. A jovem estava ao lado do amigo Tomás a caminhar no campus.

– Eu até queria ajudar-te, mas não posso. Tenho que estar com um calouro. – Bufou. A loira riu-se.

– Não faz mal.

Despediram-se e ela encaminhou-se para a piscina coberta. Vestiu o fato nos vestuários e voltou para perto da água, colocando a touca. Terminou o treino por volta das dezanove horas e trinta minutos. Pegou no telemóvel dela, que estava dentro do roupão branco, deitado no banco castanho, encostado a uma parede, após ter feito mais umas piscinas.

– Isto deu três ponto quinze segundos. Ou dois ponto quinze segundos, sei lá. – Bufou.

Voltou a colocar o telemóvel dentro do roupão e regressou para a borda da piscina. Olhou para o relógio que ficava numa das paredes do local fechado. Esperou que desse a volta completa para voltar a saltar para a água.

– Acho que tenho que te advertir. – Ouviu a voz grave de um homem. Não era Tomás, era o professor Jorge.

Tomás era mais um coleguinha da universidade, mas mais parecia um professor. Amante de piscinas, mas basquetebolista. Vinte e um anos. Forte. Um corpanzil interessante. Moreno, com barba que era sempre desfeita quando comesse a crescer demasiado e olhos escuros. As raparigas gostavam dele. Se Teresa gostava também... era segredo.

Já o professor Jorge... professor de Artes Cénicas, moreno, de trinta e poucos anos, de olhos castanhos e com um boato bem grande a envolvê-lo. Mas ninguém parecia importar-se com a fama. Nem ele. Nem o reitor. Nem os alunos. E as alunas muito menos.

– Não é preciso, já tinha terminado. – Disse ela, dando passos longos para trás. – Só estava a verificar se estava tudo bem para amanhã. – Mentiu. Na verdade, ela iria saltar novamente.

– Ias fechar a piscina com a capa, certo?

– Sim, professor, não precisa de se preocupar! – Respondeu.

– Eu terminei tudo com o teatro, se precisares de ajuda... hoje é sábado, vai estar tudo aberto, então é bom teres cuidado em ires para o teu dormitório assim.

Ela olhou para si mesma.

– Tem razão, eu vou arranjar-me aqui e ir logo para o meu dormitório.

O professor pegou na capa da piscina e começou a arrastá-la para perto. Ela nada fez.

– Vai trocar-te. Eu irei fechar.

– Não pre... – Ele interrompeu-a.

– É uma regra: se o aluno passar do horário e um professor estiver presente, ele deve esvaziar o local e fechar.

– Ok.

Ela agarrou no roupão e foi andando para o vestuário. Olhou para trás e reparou que o docente fechava a piscina. Rapidamente, abriu o cacifo e pegou nas suas roupas, vestindo-as. De seguida, arranjou o cabelo loiro encaracolado. Na verdade, o cabelo dela era naturalmente liso, porém a água da piscina tornava-o aos caracóis.

Saiu do vestuário e acompanhou o professor até à saída, entregando a chave que o treinador lhe deixou.

– Irei entregar-lhe amanhã cedo, não te preocupes. – Avisou.

– Boa noite, professor. – Ele também desejou a ela e seguiu o caminho oposto.

Ela saiu rapidamente para o dormitório. Os corredores estavam vazios. O campus vazio. A maioria dos alunos estava na festa de aniversário de Nelson, o irmão de João. A outra parte encontrava-se em casa dos familiares. E os outros, poucos, estavam nos dormitórios a dormirem ou a estudarem, caso fossem nerds. Naquela noite, ela não tencionava ir para festa alguma, iria apenas tomar um banho quente e atualizar-se na sua série favorita.

Entrou no dormitório e reparou que a Simone e a Maria não estavam lá. Deviam ter ido para a festa. A loira atravessou a cozinha e foi até ao seu quarto. Ao abrir a sua mala, reparou que o seu telemóvel não estava ali.

“Merda” – Pensou.

Capítulo 3

Teresa caminhou até ao dormitório onde estava Tomás. Felizmente, não estava nenhum bêbado no meio do caminho, se bem que no dormitório dele não dormia nenhum. O Vasco era até bem comportado, e o outro colega, que ela pouco conhecia, passava mais tempo em casa dos familiares do que ali. Bateu à porta. Três batidas nervosas. Foi ele quem a abriu. A loira parecia nervosa ao falar que tinha deixado o telemóvel na universidade.

– Por que temos que fazer isso? – Ele perguntou com uma voz cansada. Percebia-se que tinha estado a dormir, acordado ou de olhos fechados.

– Porque tem coisas pessoais e eu deixei no modo silencioso. Quem pegar nele, vai ler coisas e eu vou ficar lixada.

– Teresa, sabes que horas são? Ninguém entra no fim de semana. Amanhã não há aulas.

– Eu juro que, se me ajudares, eu fico a dever-te mil favores. – Garantiu. – Eu só preciso que me ajudes a entrar, eu pego no telemóvel e depois irei sozinha apagar qualquer imagem das câmaras.

Câmaras. Sim, os alunos conheciam essas câmaras. Era quase a primeira coisa que os calouros conheciam assim que entravam na universidade.

Ele olhou-a por alguns segundos. Mexeu-se. Voltou ao dormitório e saiu segundos depois com uma lanterna, fechando a porta. Ela sorriu. Foram até à instituição, andaram a caminho do ginásio e deram a volta, pois a piscina ficava no lado oposto. Avistaram a janela mais baixa. Ele ajudou-a a subir e entrou logo em seguida, ficando perto da abertura. Passou-lhe a lanterna. Ela olhou para as câmaras de segurança e todas estavam acesas – sinal de que estavam a gravar. Sem se preocupar, pois sabia que iria desligá-las, correu para o vestuário e pegou no telemóvel. De seguida, foi à sala “privada”. Nenhum aluno já levava aquela sala a sério. O reitor deveria mudar a placa.

– Pronto, vamos embora. – Disse ela, já perto de Tomás, que olhava pela janela.

Saíram e ficaram parados por um tempo perto do muro, o rapaz ainda a encarava como se estivesse à espera de alguma coisa.

– Obrigada? – Perguntou a nadadora, numa forma de agradecimento.

– De nada. – Ele sorriu.

– Eu fico a dever-te esta. – Disse, já a caminhar.

– Esta e mais mil, lembras-te? – Ele começou a rir-se. – Mas eu dispenso esses favores.

– Tu sabes que, no fundo, agradeço-te por estares ao meu lado.

Ela guardou o telemóvel no bolso, enquanto ainda mantinha a lanterna na mão.

– Vou para a festa de anos do irmão do João agora. Também ias? – Ele perguntou.

– O trabalho com o calouro já terminou? – A jovem sorriu, divertida. O amigo revirou os olhos.

– Não me lembres disso. Quero espairar e tirar este ar de sono.

– Eu vou voltar para o meu dormitório.

– Ok.

Teresa esperou ele afastar-se. Depois andou no sentido oposto.

A noite de sábado passou. Um momento de festa para Nelson e para os presentes. Um início de noite turbulento para a loira. Mas não seria apenas turbulento para ela. A instituição passaria por um momento delicado e chocante.

– Esta universidade... Esperavas isto? – Perguntou José, virando-se para Catarina.

Estava tudo próximo da fachada principal. O detetive colocou as mãos na cintura a olhar para a instituição à sua frente. A colega respirava fundo, enquanto via uns papéis que trazia consigo. Só precisava de um caso para poder ir-se embora para a sua cidade. Mas um caso destes era impensável.

– Não acreditaria se alguém falasse que este seria o limite da minha carreira.

– Limite? – Ele riu-se. – Isto aqui é o lugar mais inusitado de todos. – Fez uma pausa, virando-se para a colega. – O que temos sobre este sítio? – Pegou os papéis das mãos dela. – Posso?

– Podes tudo, és o meu superior. – Catarina riu-se. – José, eu não sei se este é o momento para falar, mas o Nuno conversou contigo sobre mim?

– Que tu queres ir-te embora depois de um último caso?

– Sim, em parte.

– Sei disso. Ele contou-me. Mas podemos falar depois. – Ele sacudiu as folhas. – Vamos focar-nos nisto aqui. Este sítio é um dos melhores. O nome da vítima é Luísa Castro, dezanove anos, estudava Física e fazia parte da equipa de natação.

José Delgado era um homem de quarenta e cinco anos, com uma altura de um metro e setenta e oito. Recatado e respeitado pelos restantes agentes. Catarina Henriques, morena, de olhos azuis, saiu de uma pequena aldeia, indo estudar para o centro do país e, depois, dirigiu-se para pequenos casos. De trinta e seis anos, e com um metro e setenta e três, era uma mulher bastante atraente para o sexo oposto, porém tinha uma relação com o seu colega agente chamado Nuno Matos. De quarenta anos e a possuir um metro e noventa de altura, o homem tinha uma constituição física que dava algum medo. O profissional formou-se como militar, antes de se tornar agente da PJ.

Os dois agentes entraram na instituição privada, acompanhados pelo reitor e por algum corpo docente. Foram levados até à piscina coberta, onde a vítima encontrava-se deitada à beira da mesma, já tendo sido retirada de dentro de água. Nuno e alguns colegas estavam a falar com o médico legista, que analisava a jovem nadadora com atenção, de cócoras. Após algumas trocas de palavras, e ao reparar na chegada de José e de Catarina, Nuno pôs-se de pé.

– O legista disse que já podemos entrar para ver. – O agente aproximou-se de José, que estava próximo da companheira.

O romance entre Nuno e Catarina não intervinha em casos... pelo menos até ao momento.

– Fecha a piscina e o ginásio. Não quero ninguém a rondar estes dois locais. – Falou sério para o colega. Nuno afirmou com a cabeça. O superior aproximou-se do médico legista. – Então? O que é que temos?

O médico colocou-se de pé.

– Neste momento, posso afirmar que ela teve uma morte dolorosa. Ela morreu aqui dentro da piscina, mas encontrámos traços de sangue desde o vestuário. – Apontou pelo chão até ao local onde as jovens trocavam de roupa. José seguiu com o olhar. – Ao que pude perceber, ela recebeu algumas pancadas na cabeça – baixou-se para mostrar ao colega a zona afetada na cabeça da jovem –, chegou aqui ainda viva e morreu afogada. – O legista levantou os braços da vítima. – Estas marcas mostram que ela estava amarrada e os punhos estão magoados. Ela lutou pela vida.

– Ao que se sabe, ela tinha uma vida maravilhosa. – Comentou José. – Tens alguma prova material inicial?

– Temos a capa da piscina que tem dois rasgões. Mas vamos levar o corpo dela para o laboratório e digo-te qualquer coisa depois. Mas já te posso adiantar que ela morreu já faz quase umas quarenta e oito horas.

– Há quase dois dias, portanto? – José coçou a barba.

– Sim, provavelmente ocorreu no sábado.

– Ótimo. Obrigado. – O agente respirou fundo, enquanto o legista afastava-se para continuar o trabalho. – Tenho que falar com o reitor. – Fechou os olhos e massageou-os com uma das mãos.

– Queres alguma coisa? – Catarina aproximou-se do colega.

– Quero toda a gente que convivia com a vítima na sala da reitoria até à hora de almoço, principalmente a estudante que a viu.

Era visível a animosidade entre José Delgado, inspetor da PJ, e o reitor da universidade. José não era apenas um agente, era pai de dois alunos daquela instituição: Adriana e André Delgado. André estudava no último ano do curso de Psicologia, ao lado de Vasco Figueira e de Emília Bettencourt, e era colega de dormitório de Nelson Andrade e de Ulisses Bastos, sendo o primeiro o aniversariante de sábado e o irmão mais novo de João. Já a Adriana era colega de turma da vítima, Luísa Castro, e dividia o dormitório com Daniela Lopes e Marisa Matos, uma jovem negra que pertencia à Associação de Estudantes e que trabalhava como redatora do jornal escolar, ao lado de Maria Rodrigues, a fotógrafa de serviço.

Os dois irmãos tinham uma diferença de cinco anos, porém André era um aluno indeciso quanto ao seu futuro, o que fez com que ele tivesse perdido dois anos da sua vida a mudar de curso, inicialmente no secundário e, de seguida, na faculdade.

José não iria apenas tomar o caso enquanto inspetor, mas também enquanto pai. Contudo, isso ficaria em segredo, mesmo que todos o soubessem.

A notícia da morte de Luísa Castro corria, porém Teresa ainda não tinha saído do seu quarto, o que fazia com que ela ainda não soubesse do ocorrido com a colega. Enquanto terminava de passar perfume, com a música “No Surprise”, da banda Daughtry, como canção de fundo, ouviu três batidas na porta. Mandou entrar, encerrando o som que saía do seu telemóvel. Surgiu um rapaz moreno

de olhos castanhos. Alto, de um metro e oitenta e com vinte e três anos. Sorriu para ela e olhou-a de alto a baixo. Elogiou-lhe a blusa.

– Maroon 5, boa banda!

Maroon 5 é uma banda norte-americana de pop rock. Tem uma fama que pode ser equiparada aos Beatles na época de sessenta, pelo menos entre os jovens da instituição. Quer dizer, Daniela não era tão fã, mas era mais devido ao género musical. Ela preferia rock puro e não aquelas “mixórdias”, como ela costumava dizer.

– Ninguém te pode ver entrar! – A loira falou, apavorada. Correu até à porta do quarto, fechando-a apressadamente.

– A Simone e a Maria não me viram. Elas já saíram do dormitório.

– Tão cedo? – Ela olhou para o seu relógio de pulso.

– São nove da manhã, Teresa. – Ele riu-se, mas ficou subitamente sério. – Onde é que estavas? Eu cheguei aqui e estava tudo arrumado.

– Eu fui tomar o pequeno-almoço. – Respondeu, como se fosse óbvio. – E já vieste aqui mais cedo?

– Elas saíram daqui às oito.

– Andaste a controlá-las?

– Para te ver, sim. – Fez uma pausa. – Tomas o pequeno almoço de pijama? – Ergueu uma sobrancelha.

– Cala-te, André. E para tua informação, sim, eu tomo. – Falou, levemente chateada, voltando a sua atenção para o espelho.

– Fiquei aqui na janela e o teu colega chamou-te. – Mostrou-se levemente ciumento.

– Estás interessado nele? – Arqueou as sobrancelhas, olhando-o pelo espelho.

– Como sempre, a ser engraçada. – André riu-se um pouco, forçosamente. – Estás com alguém aqui dentro?

– O Tomás é meu amigo, não precisas de te preocupar, ele já tem olhos para outra, se é que ainda não sabes. – Virou-se de costas para o espelho, a olhar para o namorado. – E eu tenho olhos para ti, certo? – Ela sorriu, envolvendo os braços entre o pescoço dele.

Os dois ficaram dentro do quarto dela durante mais uma hora, sendo que Teresa não soube do ocorrido com Luísa naquele tempo.

André era o namorado da loira. Nascido um dia depois do Natal, o jovem odiava a época festiva. Pouco se dava com os seus colegas de quarto e ainda menos com Tomás, por quem nutria algum

ciúme. A amizade entre a nadadora e o estudante de Engenharia Informática era algo que o incomodava.

Entretanto nos dormitórios masculinos, as coisas eram bem diferentes das que ocorriam no quarto de Teresa. Tiago Almeida, um dos rapazes, ouviu batidas na porta do seu quarto. O jovem parecia irritado. Deitado na sua cama, levantou-se, não com bom grado, e abriu a porta. À sua frente surgiam os colegas João, Luís e Ulisses. Os três não pareciam com boa cara.

– O que é que vocês querem? – Falou sem deixar a raiva passar.

– É melhor sentares-te. – João falou, empurrando-o para dentro do quarto.

Ele voltou para a cama, sentando-se. Esfregou os olhos, enquanto via todos eles entrarem e irem, cada um, para um canto do quarto. Ulisses encostou-se à parede e encarava-o sério.

– Vocês vão falar o porquê de baterem à minha porta, ou não?

– Calma. – Disse Ulisses. – O João vai explicar tudo com calma. Só não explodas.

– Tiago, é difícil dizer, porque ainda não sabemos o que é que realmente aconteceu. – João sentou-se ao lado dele. – Hoje, a Luísa foi encontrada na piscina. Ela está morta.

O corpo dele não reagiu. Ouvir aquelas palavras foi como ter uma corda no corpo que não o permitia mexer-se. Olhou para cada um ao seu lado e nenhum deles se riu, não era uma brincadeira. A Luísa *dele* morreu.

– Onde é que ela está? – Perguntou nervoso.

– Calma, Tiago, nós não sabemos de nada ainda. Ela está morta e é só isso o que sabemos.

Ele empurrou João, que saltou da cama, caindo de rabo no chão, e saiu a correr pelo local. Só parou quando sentiu o sol bater no rosto. Olhou para o relógio de pulso e reparou que ainda eram nove horas de uma segunda-feira. Ouviu os rapazes chamarem-no de dentro do dormitório, então correu novamente e sem rumo.

A Luísa estava morta!

Capítulo 4

Uma hora depois, Teresa mandou André ir embora do dormitório. Ele teve o cuidado de se afastar sem ser visto. Logo de seguida, a loira pegou na mala e saiu também do quarto, caminhando descontraidamente pelo campus. Estava tudo um pouco diferente, o local estava mais vazio. Não viu ninguém conhecido até chegar aos corredores da universidade. Agentes da PJ começaram a surgir no seu campo de visão. Um deles chamou-a, aproximando-se.

– Teresa Sousa?

– É a própria. – Ela estacou no meio do corredor, nervosa. Um agente por ali era mau sinal.

– Vá ter à sala da reitoria. Será interrogada pela morte da sua colega.

– Que colega? – Tremeu.

– Luísa Castro.

Teresa ficou sem palavras. Abriu a boca, em espanto. Colocou a mão nos lábios, logo em seguida. Não podia ser! A Luísa não podia ter morrido.

Após recuperar do choque, caminhou em direção à sala do reitor. Alguns colegas já ali estavam na sala de espera que levava ao local, entre eles, a sua colega de dormitório, Simone. Sentou-se numa cadeira, enquanto Daniela, a rebelde de cabelo preto pintado, reclamava.

– Eu não tenho tempo para isto! Não tenho nada a ver! Eu só estou incluída, porque dividia uma piscina com ela?

Teresa afastou uma cadeira de diferença entre ela e a colega de turma. Respirou fundo a pensar em como ela estava perto da Luísa e nem notou. Uma péssima maneira de morrer. Nadar era uma coisa maravilhosa, pena que também dava para se morrer nela. Limpou os olhos com a mão e ficou parada a olhar para a parede branca, enquanto ouvia Daniela reclamar com os outros alunos convocados, incluindo o Tiago Almeida, namorado da Luísa.

O telemóvel dela tocou no bolso das calças, pegou nele e leu a mensagem que André tinha acabado de lhe enviar: “Adorei estar contigo esta manhã. Amo-te”. Era a primeira vez que ele mandava

um “amo-te”. Não pôde conter um sorriso. Era um momento impróprio, sentiu-se a ficar envergonhada.

– Estás bem? – Disse Tiago, sentando-se ao lado dela. – Pareces feliz.

– Desculpa. – Guardou novamente o telemóvel no bolso. – Eu recebi uma mensagem de uma pessoa que eu gosto e acabei por ficar feliz, desculpa... Eu sei que não é o momento.

– Calma, Teresa, eu entendo como é sorrir por causa de uma pessoa que gostas. – Ele disse, colocando a mão perto do joelho dela. – Eu vi-te sozinha e pensei em conversar contigo, quer dizer, tu conviviaas um pouco com a Luísa.

– A Luísa e eu éramos muito diferentes uma da outra, mas dávamo-nos muito bem. – Falou, enquanto se arrumava na cadeira. – Mas, ainda assim, quando ficávamos alguns momentos juntas, era divertido. Até já víamos um filme juntas. – Sorriu.

– É bom saber disso, eu fico a pensar e não conheço ninguém que possa ter feito isto com ela. – Fez uma breve pausa. – É triste, porque nós tínhamos discutido e ela tinha me dito que iria passar o final de semana com a família, porque eles tinham razão sobre mim... quer dizer, eles nem devem gostar de mim e ainda mais agora. E, no fim, descubro que ela esteve aqui no campus.

– Tu não tens culpa nenhuma, Tiago. Um casal é um casal, tem os seus problemas. – Tentou consolar.

Ele iria falar algo, mas acabou por se calar com a chegada do corpo docente. Levantou-se e afastou-se dela. Teresa ficou a olhar para os professores e para os detetives a chegarem.

– Vocês, por enquanto, são as pessoas mais próximas do dia a dia da Luísa e serão os primeiros a darem o depoimento. – Disse o agente José Delgado. – Vamos começar por ordem alfabética.

A loira revirou os olhos e não pôde conter a raiva em saber que seria uma das últimas pessoas a serem interrogadas. Abriu a mala e tirou um livro de bolso de dentro dela.

Vanessa, que também tinha bufado de preguiça, olhou para Teresa, de relance. Não percebia por que a colega estava tão raivosa, a inicial dela viria antes. Como não tinha trazido nenhum livro, olhou para quem estava presente. Daniela, Teresa, Tiago, Simone, Nicole, recém-chegada do fim de semana com os pais, uns quantos colegas da turma da Luísa, Cristina... Cristina. A sua colega de dormitório estava

ali. As duas dormiam ao lado da vítima, porém Vanessa ainda dividia uma piscina. Decidiu aproximar-se.

– Cristina Lopes, como estás? – Perguntou. A rapariga escrevia algo no seu portátil e ergueu o olhar para a morena.

– Estou bem. Vieste ver o que é que eu estava a fazer? – Fechou o seu computador.

– Tão azeda. – Vanessa pareceu chocada, mas riu-se, logo de seguida.

– O que fazes aqui? – Cristina cruzou os braços. – Já não chega ver as nossas caras todos os dias no dormitório?

– Eu estou com uma pulga atrás da orelha e só tu me tiras esta dúvida: A tua irmã Daniela está com alguém do dormitório masculino? Ainda estes dias a vi por lá.

– Eu não faço ideia. – O olhar de Cristina mudou. Tornou-se pensativo.

– De lá só existe o Ulisses solteiro, mas eu não acredito que seja ele. – Ficaram em silêncio. – Eu pensei em algumas coisas, mas seria maldade minha dizer.

– Vanessa! Eu cheguei a pensar que superaste os nossos problemas. – Virou-se para ela. – Pelos vistos, ainda existe mágoa.

Cristina não era uma santa, mas Vanessa também não. Homens estavam no meio da desavença entre as duas. Não só o Luís, como outros.

– Eu não guardo nenhuma mágoa sobre nós. Estou com outra pessoa e ela... ele é ótimo comigo. – Respondeu. – As pessoas fazem escolhas duvidosas, aprendi a lidar com isso. – Sorriu.

O nome de Cristina foi chamado pelo reitor.

– Ainda há o Nelson e o João como solteiros. – A irmã de Daniela levantou-se com o portátil nas mãos e afastou-se da colega. Vanessa não teve tempo para responder. Bufou e resolveu deitar a cabeça sobre a mesa, ficando assim, como se pudesse adormecer a qualquer momento. Não conseguiria.

Cristina riu-se a maior parte do tempo do interrogatório. Ela não conseguia perceber como é que estava a ser vista como suspeita, sendo que apenas dividia um dormitório com a vítima.

– Também és a irmã mais velha da Daniela, que estuda no mesmo curso e ano que a Luísa. – José colocou um papel à frente da estudante. De braços cruzados, a rapariga apenas olhou para a folha.

– E o que é que acha que aconteceu? Eu iria matar a minha colega de dormitório para ajudar a minha irmã nos estudos? – Soou sarcástica.

– Não falo dos estudos, falo da natação.

Cristina olhou sombria para o agente. Na verdade, os detetives acreditavam que a irmã de Daniela poderia realmente matar Luísa. E não só devido à nadadora, mas também pela sua animosidade para com a vítima. Era visível que a namorada de Luís não gostava muito da jovem.

A estudante saiu e Daniela foi chamada. Vanessa mantinha-se na mesma posição, enquanto Teresa ainda lia o livro de bolso e Tiago tinha fones nos ouvidos, onde terminava de ouvir a canção See You In The Dark, da banda Honor Society. Quando a colega de natação de Luísa entrou na sala, Maria surgiu no corredor, acompanhada por Marisa. Vanessa foi a primeira a vê-las.

– Vocês também estão aqui?

A jovem de raça negra apontou para Maria.

– Ela está. Eu só vim acompanhá-la.

– Porquê? – Simone, que estava sentada com a cabeça encostada na parede, arrumou-se na cadeira e olhou para as duas colegas.

– Porque eu sou a fotógrafa da Associação de Estudantes. – A loira revirou os olhos.

Tiago mantinha-se quieto, a tentar não ficar chateado. Tinha ouvido aquilo, enquanto não mudava de canção. Parecia que todas as colegas da sua namorada estavam nas tintas para o que tinha acontecido. Teresa percebia isso, quando olhava de relance para ele.

Enquanto alguns alunos mantinham-se à espera na sala, Cristina estava a caminhar pelo campus. Agentes iam e vinham. Passou por João e Nelson. Os dois irmãos iam em direção à saída da universidade. Ela parou-os.

– O Luís ainda está no dormitório?

João encolheu os ombros.

– Não passei toda a manhã por lá, mas ele não deveria estar em frente à sala do reitor?

– Não, o Luís não foi chamado. Vejo-vos depois. – Deu um tchau e afastou-se. Os dois rapazes retomaram a caminhada. O rapaz mais velho estava pensativo.

– O Luís não foi chamado porquê?

– Ele não convivia diariamente com a Luísa. – Nelson explicou.
– Não? – Ergueu uma sobancelha. – Ele namorava uma das colegas de dormitório dela. Ele passava muitas vezes pelo quarto da Luísa.

– Não estás a dizer que ele a matou. Estás?

João abanou a cabeça.

– Não, só pensei.

Cristina encaminhou-se para o seu dormitório com o portátil debaixo do braço, porém viu uma agente em frente ao local. Ela parou-a à entrada.

– Cristina Lopes, certo?

– Sim. O que é que se passa?

– Vou ter que a seguir até ao seu quarto.

– O quê? – Falou, escandalizada. – Está a brincar comigo? A Luísa morre e agora eu não posso retomar com a minha vida? Mas que palhaçada é esta?

A agente sorriu, levemente.

– Parece muito feliz pela perda da sua colega de dormitório.

Cristina ficou séria, subitamente.

– Só estou a ver a minha privacidade a ser-me retirada.

– Não se preocupe, não vou entrar no seu quarto, só irei acompanhá-la até lá. Nós não queremos ninguém no quarto da vítima.

– Não tenciono ir para lá. Nunca entrei no quarto dela e não é agora que o irei fazer.

– Muito bem.

A jovem encaminhou-se até ao seu quarto, sendo seguida pela agente. Ao chegar ao local, segurou na porta e olhou para a detetive.

– Com licença.

– Toda.

Cristina ficou parada, por alguns segundos.

– Vai ficar aí à entrada?

– Sim, estou a guardar o quarto da sua colega. Pode fazer o que quiser, feche a porta. Eu estarei só a fazer o meu trabalho. – A agente sorriu. A estudante revirou os olhos e fechou a porta. Encostou-se à mesma e respirou fundo. Foi até à sua escrivaninha e procurou um caderno, depois de pousar o portátil.

– Por que tinha que morrer agora? – Sussurrou.

As horas passaram com os alunos a serem inquiridos. Maria comeu uma sandes dada pela Marisa, enquanto Simone e Teresa

comeram uma sopa que Tomás lhes ofereceu. Os alunos tentavam manter-se por ali, no corredor, ou na sala, a aguardarem. As aulas ocorriam, os estudantes perdiam-nas e assim corria o dia.

Maria foi interrogada, devido a ser fotógrafa e conhecer Luísa muito bem. A jovem rebelde desculpava-se com Marisa.

– Ela é que é a redatora, não eu. Limito-me a tirar as fotografias para ilustrar os textos. – Disse, a sorrir.

Nicole, a próxima jovem a ser questionada, não conseguiu dizer muita coisa.

– O que deseja que eu lhe diga? Fui durante o fim de semana para casa dos meus pais e regresssei hoje.

– E o que é que fazias na piscina tão cedo? – José coçou a barba, pensativo, sentado em frente à estudante.

– Eu ia treinar. Tivemos uma reunião na sexta e todas ficaram chateadas por eu ir passar o sábado e o domingo com os meus pais. Elas queriam fazer um treino e eu não pude, então decidi fazer eu mesma um treino hoje de manhã.

– Às seis e meia da manhã?

– Sim, senhor agente. – Respirou fundo. – Nós não temos hora para treinar, desde que a gente não chegue ao mesmo tempo, o treinador não se importa.

– E como é que viu a sua colega?

– Eu cheguei à universidade primeiro eram seis horas, trouxe as minhas malas para o meu dormitório, depois segui para a piscina. Foi aí que eu vi a Luísa... – Fez uma leve pausa. Estava triste. – ... ela estava... ela estava cheia de sangue, tudo estava a tons de vermelho.

– Viu alguém durante o seu percurso? – Nicole abanou com a cabeça. – Nenhum colega, professor...? – A jovem voltou a abanar a cabeça.

José pôde confirmar, após a saída da rapariga da sala do reitor, que realmente não tinha surgido ninguém enquanto caminhava para a piscina, ou até mesmo ao chegar ao dormitório. As câmaras de vigilância não revelavam qualquer movimentação. A jovem também não poderia ser uma suspeita, já que, se o médico legista estivesse certo, Luísa teria sido morta no sábado, o que faria com que Nicole não pudesse ser a culpada.

Simone não tinha muito o que dizer, pouco falava com Luísa, mesmo sendo da mesma turma que ela.

– Eu não sei do que me querem acusar, eu pouco falava com ela. – A católica dizia, com ar sofrido.

– Estamos a interrogar todos os colegas da Luísa, logo o teu nome também está envolvido. – José explicou.

De salientar que todos eles, excepto Simone, tinham razões para matar Luísa. A estudante de Artes Cénicas era apenas uma colega, no entanto também estudava na mesma turma que a nadadora.

De seguida, surgiu o nome da loira.

– Teresa Sousa? – Perguntou o reitor, ao vê-la. – Podes entrar.

Ela guardou o livro, que se reparou, finalmente, tratar-se de uma versão de bolso da obra policial “O Mistério da Escada de Caracol”, de Mary Roberts Rinehart, levantou-se e foi em direção à sala do reitor. Finalmente tinham-na chamado. Sentou-se na cadeira em frente ao homem mais velho, o agente José, que disse para os deixar a sós. Ela colocou a mala no colo e tentou relaxar, até ele colocar um telemóvel em cima da mesa.

– A nossa conversa será gravada. – Falou. – Todas estão a ser gravadas, aliás. – Fez uma leve pausa. – Praticavas natação com a Luísa, como é que era a relação entre vocês?

– Era saudável e, apesar das competições que havia, éramos colegas. Até já víamos filme juntas. – Respondeu, confiante.

– Eu estive a ver a câmara de vigilância dos vestuários da piscina desde a semana passada e eu achei curiosa uma coisa: o teu telemóvel. – Ele pegou no computador portátil, que se encontrava pousado num canto da mesa e que ainda não tinha sido mudado de lugar até àquele momento, e colocou-o à frente dela. – Um dia, praticas natação sozinha, o professor de teatro ajuda-te a fechar tudo e vocês vão-se embora, mas o teu telemóvel continua ali. – Sentou-se ao lado dela a mexer nas gravações. – A câmara ficou fora do ar por duas horas e depois. – Deu um zoom nas imagens. – O telemóvel desapareceu.

– Deve haver algum engano, o meu telemóvel está onde sempre estive: comigo. – Sorriu. – Eu não o deixo longe de mim.

– Estranho, não? – Ele encarou-a por algum tempo. Ela desviou o olhar do dele e ficou quieta. – Não pude deixar de notar que tu e o namorado da Luísa conversavam.

– Algum problema? – Perguntou. – Tentei dar algum conforto, ele perdeu a namorada.

– Não há nenhum problema nisso. – Sorriu. – Mas a minha profissão é investigar e acabei por descobrir que vocês tiveram um